

O MASOQUISMO E O PROBLEMA ECONÔMICO EM FREUD

*Mariana Machado Rocha Lima**
*Sonia Leite***

RESUMO:

O trabalho visa resgatar o significado histórico-conceitual do masoquismo. Parte-se da hipótese de que as noções de sadismo e masoquismo presentes nos primórdios da obra freudiana indicam uma intuição de Freud a respeito da pulsão de morte, anterior à formulação desse conceito. Para tanto, percorremos os principais textos freudianos sobre o tema objetivando responder as seguintes questões: Qual a relação entre o chamado aspecto econômico da metapsicologia e o tema do masoquismo? Quais as articulações possíveis entre a noção de masoquismo e o conceito de pulsão de morte?

PALAVRAS-CHAVE: Masoquismo. Sadismo. Pulsão de Morte. Economia Pulsional.

* Mariana Machado Rocha Lima. Psicanalista. Mestranda do Programa de Pós- Graduação em Psicanálise da UERJ. Membro Associada da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle.

** Sonia Leite. Psicanalista. Professora Visitante do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da UERJ. Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-Rio. Analista Membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro.

Introdução

Esse trabalho é parte de uma pesquisa de dissertação de mestrado, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da UERJ, cujo objetivo é articular o conceito de masoquismo, na obra de Freud, à construção do conceito de pulsão de morte. A proposta é, a partir dos textos freudianos mais relevantes sobre o assunto, rastrear os principais momentos em que Freud trabalhou o conceito de masoquismo em suas aproximações com a economia pulsional. As relações entre o masoquismo e a teoria pulsional revelam a importância do tema para a distinção entre a estrutura perversa e a perversão enquanto parte constituinte da sexualidade humana. A questão do masoquismo, em específico, indica, também, a presença de uma “incoerência” econômica no funcionamento da pulsão, presente desde os primeiros escritos de Freud, como indicaremos a seguir.

O Masoquismo e as Pulsões Sexuais

Freud, em 1905, ao analisar a sexualidade no campo das aberrações sexuais assinala o caráter sexual no fundamento das neuroses, revelando o aspecto perverso da sexualidade infantil. Constata que os sintomas na neurose representam uma expressão convertida das pulsões consideradas perversas, ou seja, que “(...) os sintomas se formam, em parte, às expensas da sexualidade anormal; a neurose é, por assim dizer, o negativo da perversão” (Freud, [1905]2006a, p.157). Destaca que haveria o que se denomina uma base inata, uma verdadeira disposição perversa em todos os seres humanos, no que se refere à sexualidade, presente desde a infância e que ele chama de sexualidade infantil perverso-polimorfa.

Nesse período da obra freudiana, o masoquismo inclui todas as atitudes passivas frente ao objeto sexual. Nos casos mais extremos teríamos como condição de satisfação o padecimento de dor física ou anímica infligida pelo objeto sexual. O sadismo — seu par oposto — é uma atitude ativa frente ao objeto sexual, que envolve relativo grau de violência e que pode chegar a ter, como condição para a satisfação sexual, a necessidade de causar dor e humilhação ao objeto. Freud alerta que tanto o masoquismo, quanto o sadismo, numa certa medida, fazem parte da sexualidade e só devem ser considerados como uma patologia nos casos mais extremos.

Um ponto, inicialmente, destacado nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905/2006a) é que a pulsão de autoconservação, ao contrário da pulsão sexual, teria um objeto predeterminado como, por exemplo, o seio. Tal observação já sublinha que só seria possível pensar em termos de economia pulsional quando nos referimos à pulsão sexual, pois, nesse caso, haveria um trabalho a ser realizado condizente com a distribuição de uma dada quantidade de libido.

O que se revela é que a noção de pulsão, em contraposição à idéia de instinto, não está originariamente vinculada à noção de objeto predeterminado. No que diz respeito à pulsão, o objeto é extremamente variável e aí se liga apenas na medida de sua capacidade de satisfazê-la. Com a introdução da noção de *apoio* e o avanço das discussões teóricas, as duas modalidades de pulsão, citadas em 1905, vão ser consideradas por Freud como sexuais e sem objeto específico.

Em 1914, Freud constata que as pulsões de autoconservação ou do eu, também, devem ser consideradas como pulsões sexuais uma vez que o eu, sendo um complexo de representações, é, simultaneamente, o maior reservatório e, também, objeto de investimento da libido. Essa descoberta é fundamental por expandir a noção de conflito psíquico para todos os aspectos do eu e introduzir a importância da estrutura narcísica na constituição do sujeito.

Para elaborar teoricamente a noção de economia pulsional, Freud parte do chamado princípio de constância de Fechner. A perspectiva é que, primariamente, o aparelho psíquico busca um equilíbrio mantendo em seu funcionamento a menor quantidade possível de excitação, ou ainda, faz com que essa excitação seja pelo menos constante. Tal tendência acaba por fracassar devido à ocorrência das variações da libido, tanto por estímulos externos quanto internos, impossíveis de serem evitados através da ação motora. Apesar de uma parte da libido continuar investida no eu, para que ocorra uma estruturação do aparelho psíquico, o desprazer precisa, então, ser projetado e redirecionado para *fora* do aparelho numa tentativa de proteção daquilo que internamente não pode ser tolerado.

Nesse momento, Freud, utiliza o chamado *modelo hidráulico*, distinguindo a libido do eu, da libido objetual e considerando que quanto mais uma forma de investimento é utilizada mais a outra se esvazia. Indica, assim, que sempre existirá uma quantidade x da libido, seja no eu, seja no objeto.

Em *Pulsões e seus destinos*, texto de 1915, Freud descreve quatro vicissitudes possíveis para a pulsão sexual. A primeira é a *reversão em seu oposto*, a segunda vicissitude,

o retorno em direção ao próprio eu, a terceira, o *recalque*, e a última, a *sublimação*. Os diferentes destinos das pulsões são verdadeiros desvios que garantem a sua satisfação parcial. Freud afirma que podem ser considerados como modos de *defesa* contra a pulsão. Tendo em vista que este trabalho visa o tema do masoquismo, os destinos que nos interessam são, primeiro, a *reversão da pulsão em seu oposto*, que incluiu dois processos diferentes: uma mudança da atividade para a passividade e uma reversão em seu conteúdo. E, além desse, o *retorno em direção ao eu*.

Vamos nos deter, aqui, no que diz respeito ao primeiro destino, a mudança da atividade para a passividade, em que Freud aponta dois pares de opostos: sadismo-masoquismo e escopofilia-exibicionismo.

Afirma que a *reversão* afeta apenas as finalidades das pulsões indicando que a finalidade ativa (torturar, olhar) é substituída pela finalidade passiva (ser torturado, ser olhado). Nesse momento teórico, quanto à constituição do sujeito, considera que o sadismo é anterior ao masoquismo e que o componente sádico da pulsão sexual só se fará presente na etapa pré-genital.

Quanto ao outro destino, ou seja, o *retorno da pulsão em direção ao eu*, trata-se de considerar que o masoquismo é um sadismo voltado contra o próprio eu. Nesse caso a diferença entre esse par de opostos consistiria apenas na troca do *objeto* da pulsão, mas não em sua *meta* ou *finalidade*. Portanto, o masoquista compartilharia a satisfação sexual da qual é objeto. Freud sublinha, aqui, o papel da identificação com o outro na fantasia onde se destaca a agressão contra o próprio eu. Assim, no sadismo, a pulsão se caracteriza como ativa para que, então, ocorra um redirecionamento da atividade para a passividade.

Os processos envolvidos no par de opostos sadismo-masoquismo, tais como elaborados em 1915, são:

- a) O sadismo consiste no exercício de violência ou poder contra outra pessoa tomada como objeto.
- b) Esse objeto é deixado de lado e substituído agora pela própria pessoa. O redirecionamento contra a própria pessoa transforma, ao mesmo tempo, a meta pulsional de *ativa em passiva*.
- c) Novamente outra pessoa é procurada como objeto, a qual, devido à transformação ocorrida na meta, tem então de assumir o papel de sujeito (Freud, 1915/2004b, p. 153).

Freud indica que o caso *c* é o que comumente se denomina *masoquismo* visto achar improvável a existência de uma satisfação masoquista mais direta, não derivada do próprio sadismo.

O conceito de sadismo inclui a idéia não só de humilhar e dominar, como também de infligir dor. No entanto, a perspectiva freudiana demonstra que infligir dor não parece se enquadrar nas metas originais da pulsão. Essa meta só será possível depois de o sujeito ter masoquistamente experimentado uma dor concomitante com uma sensação de prazer, ou seja, só será possível através de uma identificação com o objeto que sofre a agressão.

Em seu estudo sobre as características das pulsões Freud destaca quatro elementos constitutivos da pulsão: a pressão (*Drang*), a meta (*Ziel*), o objeto (*Objekt*) e a fonte (*Quelle*). Apesar de Freud, no seu artigo de 1905, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, já ter escrito sobre a *fonte*, o *alvo* e o *objeto* da pulsão, não havia, ainda, dado um estatuto à *pressão*.

A pressão, efetivamente, é a característica mais importante da pulsão visto que é o “fator motor” que conduz o *aparelho* ao trabalho psíquico. Isto ocorre devido à necessidade do aparelho psíquico em lidar com tensões desprazerosas no intuito de amenizá-las. Como indica:

Esse caráter de exercer pressão é uma propriedade universal das pulsões, na verdade, sua própria essência. Toda pulsão é uma parcela de atividade; assim, quando de maneira menos rigorosa, falamos de pulsões passivas, estamos nos referindo às pulsões cuja meta (*Ziel*) é passiva. (Freud, 1915/2004b, p. 148).

Essas considerações apontam para uma mudança de perspectiva na teoria freudiana, pois, ao colocar em destaque o aspecto da *pressão* pulsional, Freud parece submeter o campo representacional, sexual, a algo mais primário aí presente. Assim, a pulsão se coloca como uma pressão em direção ao prazer e mesmo as pulsões denominadas *passivas* de fato não o são. Na verdade, são forças que têm como meta colocar o indivíduo em uma posição passiva. A pressão está presente na pulsão passiva da mesma forma que nas pulsões denominadas ativas.

Pode-se dizer, contudo, que a pulsão tem sempre como meta a satisfação e, para que isso ocorra é necessário haver a descarga, ou seja, a suspensão de um estado de estimulação. Essa meta da pulsão só pode ser alcançada por meio de um objeto, apesar de este último, como indicado em 1915, não estar originalmente vinculado à pulsão e ser um elemento extremamente variável.

Apesar de Freud ainda defender que o sadismo seria anterior ao masoquismo e que esse par de opostos só se tornaria atuante, na vida pulsional do sujeito, após a etapa anal-sádica, a partir da clínica, essa primeira teoria vai sofrer importantes alterações.

Tais mudanças teóricas começam a se anunciar a partir do artigo *Uma criança é espancada* (Freud, [1919] 2006d), quando Freud descreve uma modalidade de fantasia, muito frequente em sua clínica, que revela em seu cerne a articulação da dor com o prazer, de caráter inegavelmente masoquista.

Um ponto fundamental enfatizado nesse trabalho é que nem todos aqueles que constroem essa fantasia são estruturalmente perversos em sua vida adulta e que tal fantasia pode ser recalcada (como no caso dos neuróticos), substituída por uma formação reativa ou, ainda, sublimada.

São três os diferentes tempos ou desdobramentos dessa fantasia, apresentados por Freud, segundo os relatos analisados em sua clínica.

No *primeiro* tempo a pessoa que apresenta a fantasia nunca é aquela que está sendo espancada e o agressor não é claramente definido. A identidade desse último, no entanto, pode ser eventualmente assumida pelo pai, enquanto a criança espancada é alguém, via de regra, odiada pela pessoa que relata a fantasia.

O *segundo* tempo da fantasia, considerado como o mais importante por Freud, é uma construção que resulta do processo de análise, ou seja, não ocorre a partir de uma lembrança que tenha sido recuperada. O papel do espancador continua sendo ocupado pela figura do pai e a criança passa a ser justamente aquela que produz a fantasia. Pode-se resumí-la com a seguinte frase: “estou sendo espancada pelo meu pai”. Tal desdobramento é carregado de prazer e, nesse segundo tempo, a fantasia revela seu caráter “inequivocamente masoquista”.

O *terceiro* tempo resgata a sua antiga forma ao retomar a figura do agressor como indefinida, ou substituída por outras figuras de autoridade da vida do sujeito que a relata. A pessoa que fabrica a fantasia passa a ser observadora de uma cena de espancamento, quando, muitas vezes, quem passa a ser espancado é um grupo indefinido de crianças. Esse

momento da fantasia é acompanhado de uma forte excitação sexual cujo desfecho conduz à masturbação.

Apesar de, nesse trabalho, verificarmos que o masoquismo ainda é tomado como um desdobramento do sadismo já é possível vislumbrar, aqui, um significativo destaque do masoquismo enquanto propulsor da fantasia e da constituição do sujeito. O caráter primário do masoquismo se sublinhará, definitivamente, um ano depois, com a introdução da pulsão de morte, como indicaremos a seguir.

O Masoquismo e a Pulsão de Morte

Em 1920, no artigo *Além do princípio de prazer* (Freud, 1920/2006b) Freud, a partir dos sonhos dos neuróticos de guerra e da observação do brincar infantil, vê delinear-se algo muito peculiar na clínica, e que o termo *traumático* bem o expressa. Trata-se de uma forma de compulsão à repetição onde predomina a experiência do desprazer em detrimento da busca pelo prazer, fato que já se insinuava em seu escrito *Uma criança é espancada*. Tal constatação acaba por levá-lo ao abandono da primeira teoria das pulsões (pulsão de autoconservação ou do eu e pulsão sexual) conduzindo-o a um novo dualismo capaz de caracterizar o conflito psíquico: pulsão de vida ou Eros e pulsão de morte.

A pulsão sexual, agora nomeada de pulsão de vida, segue uma economia psíquica regida pelo princípio de prazer. Por outro lado, a pulsão de morte em oposição a esse primeiro tipo de funcionamento pulsional, presentifica a tendência à desintegração e à redução completa das tensões, que tem como meta o retorno a um estado mítico originário, que Freud denomina estado anorgânico.

O texto freudiano, de 1920 (Freud, 1920/2006b) ao equivaler a pulsão de vida à pulsão sexual, leva em conta que o plasma germinal, a procriação das espécies, é a própria continuidade da vida e, num certo sentido, a imortalidade. Devido ao fato de as pulsões de autoconservação, ou do eu, serem agora consideradas como tão sexuais quanto as pulsões já denominadas sexuais (Freud, 1914/2004b), a distinção entre uma e outra passa a se restringir apenas a uma classificação de cunho topográfico. Ao criar uma nova oposição pulsional, Freud descreve um campo onde se radicaliza a impossibilidade de completude do sujeito, tendo-se em vista que o mesmo não pode ser reduzido à biologia ou ao aparelho psíquico.

Na primeira teoria pulsional, a pulsão poderia ser pensada como regida apenas pelo princípio de prazer, mas com a introdução do conceito de pulsão de morte, qualquer

pulsão passa a ser pensada em sua origem, como algo para além da economia homeostática, o que é o mesmo que dizer para além do campo representacional. Por outro lado, a partir do conceito de pulsão de morte, o sadismo e o masoquismo, presentes em qualquer ser humano, são concebidos como um dado irreduzível da pulsão.

Freud, ainda em 1920, ao constatar que Eros busca sempre a manutenção da vida, passa a considerar, por outro lado, o sadismo como uma manifestação da pulsão de morte, pois considera tratar-se de uma expressão dessa pulsão cuja visada é a destruição do objeto. Ao seguir esse pensamento, ele levanta a hipótese de que na verdade o sadismo seria uma *parte* da pulsão de morte que foi afastada pela libido narcísica do eu e, deste modo, passou a servir às pulsões sexuais. Como consequência dessas idéias, Freud encontra-se, a partir desse momento, diante do impasse de ter que relacionar o modelo da homeostase do aparelho psíquico com sua nova teoria pulsional que implica uma articulação *dor-prazer* e, com esse intuito, escreve em 1924, *O Problema econômico do masoquismo*.

Nesse importante trabalho, após estabelecer as diferenças entre o Princípio do Nirvana, articulado à pulsão de morte, e o Princípio de Prazer, base da pulsão de vida, Freud distingue três tipos de masoquismo: o erógeno, o feminino e o moral. É o primeiro — o masoquismo erógeno — aquele que se encontra no fundamento dos outros dois, atribuindo-lhe bases biológicas e constitucionais. O modelo anterior, sustentado no princípio de constância, onde o organismo busca manter o mesmo nível de estimulação para evitar o desprazer para o aparelho psíquico, não responde mais às evidências da clínica freudiana. Esse impasse indica a existência de um masoquismo primário que aponta para a presença de outra lógica de funcionamento econômico.

A primeira questão que Freud busca refletir é justamente sobre a relação do masoquismo com o princípio de prazer. Ou seja, se o princípio de prazer tem como objetivo buscar o prazer e evitar o desprazer, como pensar o masoquismo como prazer através da dor ?

Ao longo do texto de 1924, explicita os princípios que regem a nossa vida psíquica. O princípio de prazer perde seu domínio, como guardião da vida psíquica, e da vida em geral, quando a dor e o desprazer perdem seu sentido de alarme para ser o objetivo final da pulsão. O que Freud busca destacar com essa constatação? Por que o sadismo não representa a mesma ameaça à vida que o masoquismo?

A modificação teórica implicada pelo conceito de pulsão de morte coloca em evidência que o ser humano, em seu aparelho psíquico, não tem uma programação inata que garanta uma busca em prol da vida. Essa garantia de vida se encontra, na verdade, “fora” do

aparelho psíquico, se instalando através de um momento mítico da expulsão da pulsão de morte. Como Lacan (1949/1998) vai ressaltar, a garantia da vida se faz pela presença do desejo do Outro. Pode-se afirmar a partir dessas indicações, a presença de uma indissociabilidade entre interno e externo, pois, para a psicanálise existe um laço originário entre o sujeito e o campo simbólico, a cultura. A partir disso, pode-se supor que sendo o masoquismo originário, o perigo se encontraria, na interiorização da pulsão de morte sem laços, ou melhor, na defusão das pulsões de vida e de morte.

Depois que uma parte da pulsão de morte foi projetada para fora sobre os objetos, permanece como seu resíduo o genuíno masoquismo erógeno que tem um aspecto componente da libido e outro que segue tendo como objeto o próprio sujeito, ou seja, seu corpo. Apesar de reconhecer uma ausência de compreensão fisiológica de como ocorre a sujeição da pulsão de morte, Freud afirma que normalmente não temos de lidar com uma presença pura da pulsão de vida e da pulsão de morte, mas, de uma *fusão* das duas em proporções variáveis em cada caso particular. No entanto, não deixa de prever que, em função de uma série de fatores, a uma *fusão* das pulsões pode corresponder uma *defusão* delas, fato que se expressaria em diferentes formas patológicas. Trata-se, aqui, de variações nos processos de simbolização que viabilizariam diferentes modalidades de defesa para o sujeito em sofrimento (Leite, 2010).

Freud busca uma explicação satisfatória sobre o tema do masoquismo que leve em consideração o que ele acredita ser seu par de oposto, o sadismo. Com esse propósito ele parte de uma suposição mítica em que ao surgir a pulsão de vida, a pulsão de morte já estaria desde sempre presente. A libido, ao entrar em cena, passa a ter a função de frear a destrutividade desse movimento pulsional originário, que tem como objetivo o retorno ao estado inanimado (Jorge, 2010). A libido passaria a contar com um “sistema especial de órgãos”, a musculatura, que desviaria para fora do organismo uma grande parte da pulsão de morte para o mundo externo a serviço da pulsão sexual. Como citado anteriormente, a pulsão de morte que é expulsa é chamada de sadismo.

Retomando o problema da relação do masoquismo e do princípio de prazer, Freud resgata uma afirmação indicada nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* de que a excitação sexual (tensão prazerosa) na sexualidade infantil surge como efeito colateral de processos internos que ultrapassaram certos limites quantitativos. Ou seja, considera que há uma possibilidade de que qualquer coisa que aconteça de relevante no organismo tenha uma parcela de excitação desviada para contribuir com as pulsões sexuais. Consequentemente,

Freud supõe que a dor e o desprazer também podem ser acrescentados à pulsão sexual, o que também indica que no início da vida a dor e o prazer se mesclam não havendo uma clara distinção entre eles. O masoquismo infantil seria gerado pela dor e pelo desprazer fisiológico que se selaria, então, como masoquismo erógeno e que teria o seu desenvolvimento e magnitude conforme a sua constituição sexual.

A partir desse momento, diferentemente da afirmação freudiana de 1915, o masoquismo erógeno é reconhecido como primariamente presente, isto é, como expressão originária da pulsão de morte, fundamento de todos os tipos de masoquismos, participando de todas as transformações da libido. Portanto, os componentes sádicos e masoquistas estariam presentes e operantes nos diferentes estádios da libido.

O masoquismo erógeno, ao se encontrar atrelado a componentes da libido, toma como objeto o próprio organismo. Sendo assim, trata-se de um verdadeiro testemunho do amálgama da pulsão de morte com a pulsão de vida e é através dele que podemos reconhecer algo desse momento mítico, testemunho da fusão pulsional.

Como já indicado, comumente, a pulsão de vida e a de morte mesclam-se em diversas proporções, mas apesar de não ser possível saber a extensão dessas parcelas pulsionais, é possível verificar na clínica uma defusão pulsional, em casos mais graves. Freud levanta a possibilidade de a expulsão do sadismo corresponder à defusão pulsional, quando a pulsão de morte escaparia desse atrelamento. Mas e o masoquismo?

Tendo em vista que o masoquismo erógeno é o fundamento dos demais, ou seja, do masoquismo feminino e do masoquismo moral, Freud parte para a discussão dos mecanismos aí em jogo.

Com relação ao masoquismo feminino — o mais facilmente acessível à observação clínica — trata-se de colocar em jogo as fantasias cujos conteúdos se relacionam ao ato de ser amordaçado, amarrado, dolorosamente espancado e que se conclui com um ato de masturbação. O que Freud destaca é o lugar ocupado pelo sujeito na construção da fantasia que implica uma posição de ser *castrado*, que também se articula ao ser copulado, ou dar à luz um bebê, caracterizando-se como uma forma *feminina*. O que se revela, aqui, é o atrelamento do infantil com o feminino e a expressão de um sentimento de culpa quando o indivíduo supõe que cometeu um crime que precisa ser expiado através dos procedimentos já indicados.

A última forma discutida por Freud, o masoquismo moral, merece destaque por sua aparente total desvinculação com a pulsão sexual. Nessa modalidade de masoquismo o que toma a dianteira é efetivamente o sofrimento. Como indica Freud, o verdadeiro

masoquista sempre *oferece a face onde quer que tenha oportunidade de receber um golpe*. Do ponto de vista da clínica introduz, aqui, a explicação para a chamada reação terapêutica negativa que, em muitos casos, faz com que o tratamento psicanalítico se paralise, tornando inócua todas as intervenções do analista. O que se apresenta, conforme indica é uma “verdadeira necessidade de punição” que melhor expressa a ação do sentimento de culpa “inconsciente”. O que se delinea é o campo do complexo de Édipo com os conflitos que lhe correspondem.

No artigo *O ego e o id* (1923), Freud já havia apresentado a culpa como expressão de uma tensão entre o eu e o supereu, ou seja, o eu responde com a *angústia moral* quando avalia que não esteve à altura das exigências feitas por seu *ideal*. O supereu, que surge a partir da introjeção no eu dos primeiros objetos da libido, em suas funções de ideal e de censura, desempenha aqui um papel fundamental.

Conforme nos indica Freud, a superação do complexo de Édipo, sua dissolução, se caracteriza por uma necessária dessexualização da relação com os objetos primários, ou seja, ocorre um desvio dos objetivos sexuais diretos. Nesse sentido, esse processo implica um certo grau de desfusão pulsional que explica a severidade aumentada característica do supereu — a chamada consciência em ação no ego — que pode tornar-se dura, cruel e inexorável. Trata-se do Imperativo Categórico de Kant, herdeiro direto do complexo de Édipo.

Freud considera o supereu um representante do mundo externo, isso porque as pessoas que em algum momento foram a realidade mais perceptível da criança, a partir das identificações condizentes com o declínio do complexo de Édipo, passam a atuar no supereu deixando de ser objetos investidos pela libido. Como afirma Freud no artigo *O eu e o id*:

O Superego, contudo, não é simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetais do id; ele também representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas. A sua relação com o ego não se exaure com o preceito; “Você deveria ser assim (como o seu pai)”. Ela também compreende a proibição: “Você não pode ser assim (como o seu pai), isto é, você não pode fazer tudo o que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele.” (Freud, 1923/2004d, p. 36)

Com o decorrer das transformações na infância, a influência parental perde de maneira progressiva a sua importância e uma série de outras influências passam a cumprir

essa função. O fato é que o complexo de Édipo é a fonte do senso ético individual, da moralidade, como indica Freud.

Ao final do artigo de 1924, *O problema econômico do masoquismo*, estabelece uma importante distinção para o estudo do nosso tema. Chama a atenção para uma espécie de inibição moral, na vida e no tratamento, que atua sobre algumas pessoas como se estivessem sob um verdadeiro império moral, apesar de não terem consciência disso. Considera, porém, a diferença entre essa continuação inconsciente da moral e o masoquismo moral propriamente dito. Afirma que no primeiro caso, o acento recai sobre o sadismo aumentado do supereu ao qual o eu se submete, já no segundo, trata-se do genuíno masoquismo do eu que solicita castigo, seja do supereu, seja dos poderes parentais de fora. De qualquer modo, trata-se, nos dois casos, de relações intrapsíquicas, entre o eu e o supereu, cujo resultado é uma necessidade de satisfação mediante o castigo e o sofrimento. O que chama a atenção é que o sadismo do supereu é normalmente consciente enquanto a tendência masoquista do eu, via de regra, permanece oculta para a pessoa em questão.

O fato de que o masoquismo moral é inconsciente permite compreender que a necessidade de punição aí atrelada refere-se ao desejo inconsciente, tão frequente, nas fantasias de espancamento, de ter relações passivas (femininas) com o pai. Se, por um lado, a consciência e a moralidade surgem mediante a dessexualização do complexo de Édipo, através do masoquismo moral ocorre uma ressexualização da moral e o complexo é novamente revivido. A volta do sadismo contra o eu ocorre sempre quando uma supressão das pulsões tem lugar impedindo que grande parte dos componentes pulsionais destrutivos se exerça na vida.

Esse processo é descrito detalhadamente em 1930, no capítulo VII, do artigo *O mal estar na civilização*.

Freud indica aí que os meios que a civilização utiliza para inibir o desejo de destruição é, exatamente, o processo de introjeção no eu da instância superegóica, ou seja, a “(...) agressividade é introjetada, internalizada: ela é, na realidade, enviada de volta para o lugar de onde proveio, isto é, dirigida no sentido do próprio eu” (Freud, 1930/2006f, p.127). A “consciência” está, por assim dizer, pronta para pôr em ação contra o eu a mesma agressividade que o eu desejaria satisfazer sobre os outros estranhos.

Segundo Rudge (1998) o supereu deve ser considerado tão primário quanto o masoquismo, pois, essa instância é teorizada por Freud através das mesmas descobertas clínicas que o conduziram ao masoquismo erógeno. Sendo tão originário quanto o

masoquismo primário, o supereu deve ser compreendido como o núcleo do próprio eu. Para a autora, a formação do supereu ocorre devido a um trauma estrutural, e representa um resíduo das primeiras identificações, tal resíduo pode ser denominado também “a coisa” (*das Ding*), mencionada por Freud em *Projeto para uma psicologia científica*.

A tensão que é resultante da oposição eu-supereu produz o sentimento de culpa, correlato da necessidade de punição. Esse processo é algo necessário para que haja civilização, pois a agressividade que é expelida em um primeiro momento, como sadismo dificulta o agrupamento de pessoas e vai contra os propósitos de Eros. “A civilização, portanto, consegue dominar o perigoso desejo de agressão do indivíduo, enfraquecendo-o, desarmando-o e estabelecendo no seu interior um agente como uma guarnição numa cidade conquistada.” (Freud, 1930/2006f, p.127).

Esse fato é justificado porque originariamente não existe uma capacidade de distinguir entre o que é o bem e o mal. Essa diferença é adquirida a partir do outro do qual a criança depende e teme perder o amor. Na realidade para o eu o que é considerado mal pode ser desejável.

No início da vida, portanto, a criança abdica dos impulsos devido ao medo da autoridade, que, em última instância, é o medo da perda do amor. Freud destaca que não há distinção entre a realização do ato culposo e a intenção do ato, mas, o que a criança teme é o fato de a autoridade tomar conhecimento a respeito do ato ou da intenção. Com a internalização da autoridade, na figura do supereu, a emergência do sentimento de culpa demonstra a impossibilidade de esconder de si mesmo a intenção de algo considerado pecaminoso. Como consequência, em relação a isso, Freud destaca, aqui, uma peculiaridade: quanto mais virtuoso é um homem mais severo consigo mesmo.

Temos assim duas origens para o sentimento de culpa: a que surge pelo medo da autoridade e a que advém, posteriormente, a partir do medo do supereu. No segundo caso, não basta a renúncia pulsional, pois, o desejo persiste e não pode ser escondido do supereu. Esse fato justifica a necessidade de punição e a presença de uma permanente infelicidade interna em algumas situações clínicas.

Em síntese, cada agressão cuja satisfação o indivíduo desiste é assumida pelo supereu, aumentando a agressividade deste contra o eu. O que é importante destacar é que o supereu não representa *diretamente* a agressividade do outro em relação ao sujeito, mas, de fato, a agressividade que o sujeito desejaria liberar no outro e que foi recalcada.

Freud concluiu esse importante trabalho indicando que o sentimento de culpa, em última instância, expressa tanto o conflito devido à ambivalência, quanto a eterna luta entre Eros e pulsão de morte.

Conclusão

A partir de 1920 o masoquismo só pode ser pensado como primordial e, portanto, como estrutural ao sujeito. Não existe sujeito inserido na linguagem – na cultura – sem que o masoquismo aí se faça presente. Segundo Lacan (1953-54/2008a), o masoquismo primordial, tal como demonstrado por Freud (1920), a partir do jogo *fort-da* é a instauração do “mundo da negatividade” em que a ausência é evocada na presença e a presença na ausência (LACAN, 1953-54/ 2008a) que evidencia o prazer doloroso como constitucional ao sujeito.

Essa pesquisa inicial do traçado do conceito de masoquismo na obra freudiana revela que foi através da imposição de suas manifestações na clínica e na cultura, que Freud pôde cunhar o conceito de pulsão de morte. Freud não se esquivou frente a esse desafio, mesmo quando não tinha os artifícios para tratar do tema com mais clareza, suportando os momentos de indefinição. Esse estudo, ao evidenciar que os conceitos da psicanálise são formulados no *só-depois* da clínica aponta, por outro lado, uma valiosa lição para todo psicanalista no percurso de sua formação permanente.

O conceito de pulsão de morte permanece ainda obscuro em diversos aspectos e provavelmente assim permanecerá, contudo isso não deve ser motivo de aceitação passiva, mas, ao contrário, tomá-lo como um enigma mobilizador da pesquisa psicanalítica.

Referências

- _____.([1895]/1950) Projeto para uma psicologia científica. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, 1950. v. I. Rio de Janeiro:Imago, 2006 a.
- _____.(1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006b.
- _____.(1910) A concepção psicanalítica da perturbação da visão. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XI. Rio de Janeiro:Imago, 2006c.
- _____.(1919) Uma criança é espancada` uma contribuição ao estudo das perversões sexuais . In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 2006d
- _____.(1930) O mal-estar na civilização. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. XXI. Rio de Janeiro: 2006e.
- _____.(1914) À guisa de introdução ao narcisismo. In: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: 1911-1915*, v.1. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- _____.(1915) Pulsões e destinos da pulsão. In: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: 1911-1915*, v.1. Rio de Janeiro: Imago, 2004b.
- _____.(1920) Além do princípio de prazer. In: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente:1915-1920*, v.2. Rio de Janeiro: Imago, 2004c.
- _____.(1923) O Eu e o Id. In: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente 1915-1920*, v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2004d.
- _____.(1924) O Problema Econômico do Masoquismo. In: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente:1923-1938*, v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2004e.
- JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*. v.2: a clínica da fantasia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.
- LACAN, Jacques. (1966) O estádio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____.(1953-1954) *O Seminário livro I: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008a
- LEITE, Sonia. *Histeria de Conversão, Ainda?* Net. Rio de Janeiro, maio de 2011. Disponível em:
<http://www.corpofreudiano.com.br/site_flash/eventos/2encontronacional/trabalhos/14_sonial_eite.pdf>. Acesso em: 17 de Maio de 2011.
- RUDGE, Ana Maria. *Pulsão e Linguagem: esboço de uma concepção psicanalítica do ato*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

THE MASOCHISM AND THE ECONOMICAL PROBLEM IN FREUDIAN THEORY

ABSTRACT:

This paper aims to build a conceptual-historic formulation about the term “masochism” in the psychoanalysis theory. For a start, as an hypothesis the notion of sadism and masochism may be considered as an intuition in relation to the term death drive even after 1920. Through analyzing Freudian’s most relevant papers important questions should be answered, such as: What is the relationship between the economical aspect in Freudians’ metapsychology and the subject of masochism? What are the possible articulations between the notion of masochism and the concept of death drive in Freud’s work? Key words: Masochism –Sadism- Death Drive - Drive Economy.

KEYWORDS: Masochism. Sadism. Death Drive. Drive Economy.

LE MASOCHISME ET LE PROBLÈME ÉCONOMIQUE CHEZ FREUD

RÉSUMÉ:

Ce travail vise un rétablissement historique et conceptuel du concept de masochisme. On part de l’hypothèse que les notions de sadisme et de masochisme présentes aux origines de l’oeuvre freudienne expriment une intuition de Freud concernant la pulsion de mort, antérieure à la formulation de ce concept. C’est ainsi que nous nous laissons guider par les principaux textes freudiens sur le thème avec le but de répondre aux questions suivantes : quel est le rapport entre ce qu’on appelle l’aspect économique de la métapsychologie et le thème du masochisme ? Quelles sont les jonctions possibles entre la notion de masochisme et le concept de pulsion de mort ?

MOTS-CLÉS: Masochisme. Sadisme. Pulsion de Mort. Économie Pulsionnelle.

Recebido em: 01/08/2011

Aprovado em: 28/09/2011

©2011 *Psicanálise & Barroco em revista*
www.psicanaliseebarroco.pro.br
Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq
Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.
Memória, Subjetividade e Criação.
www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista